

II Congresso Histórico Internacional

***AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE***

18 a 20 de outubro de 2017

**ATAS**

ORGANIZAÇÃO | PROGRAMA | CONFERÊNCIA INAUGURAL

CIDADE ANTIGA

2017

## **FICHA TÉCNICA**

### **Título**

II Congresso Histórico Internacional  
As Cidades na História: Sociedade

### **Volume**

Organização | Programa | Conferência inaugural  
I - Cidade Antiga

### **Edição**

Câmara Municipal de Guimarães

### **Coordenação técnica**

Antero Ferreira  
Alexandra Marques

### **Fotografia**

Paulo Pacheco

### **Design gráfico**

Maria Alexandre Neves

### **Tiragem**

200 exemplares

### **Data de saída**

Dezembro 2019

### **ISBN (Obra completa)**

978-989-8474-54-4

### **Depósito Legal**

364247/13

### **Execução gráfica**

Diário do Minho

# ÍNDICE

## ORGANIZAÇÃO | PROGRAMA SESSÃO DE ABERTURA SESSÃO DE ENCERRAMENTO

### PRÓLOGO

pág. 35

*Poblaciones en transformacion: las ciudades a traves del tiempo*

*Diego Ramiro Farinas*

### CONFERÊNCIA INAUGURAL

pág. 43

Perseguir a História Social a partir do Repositório Genealógico - desafio sempre em aberto

Uma aplicação sobre Guimarães dos quatro últimos séculos

*Maria Norberta Amorim, Antero Ferreira, Amaro das Neves, Filipe Salgado*

### CIDADE ANTIGA

#### CONFERÊNCIA

pág. 75

*Cidade Antiga e Sociedade: Narrativas e Diálogos Interdisciplinares*

*Manuela Martins, Gilvan Ventura da Silva*

### COMUNICAÇÕES

pág. 111

Estratégias familiares e disputas políticas na África proconsular: o caso da cidade de OEA (Séc. II d.C.)

*Belchior Monteiro Lima Neto*

pág. 125

Como e onde se enterrava em *Bracara Augusta*?

*Cristina Maria Vilas Boas Braga*

pág. 155

Reflexões sobre a economia de *Bracara Augusta*. O contributo dos tesouros monetários

*Diego Santos Ferreira Machado*

pág. 177

A Concorrência Política e Cultural entre as cidades de Antioquia e Beirute na Antiguidade Tardia:

Libânio e a defesa das Escolas de Retórica em oposição às Escolas de Direito (séc. IV d.C.)

*Érica Cristhyane Moraes da Silva*

pág. 195

Entre os espaços e os homens: reconstrução do quotidiano doméstico

*Fernanda Magalhães, Manuela Martins*

pág. 219

O custo com os trabalhadores da construção e atividades subsidiárias. O caso de *Bracara Augusta*

*Jorge Ribeiro*

pág. 245

*Vrbi et orbi*: a cidade como definidora de romanidade nos *annales* de Tácito

*Manuel Rolph Cabeceiras*

pág. 261

Esparta katà kómas: organização espacial do território (VIII-V a.C.)

*Márcia Cristina Lacerda Ribeiro*

pág. 279

Cidades Gregas na Calábria Antiga: A configuração dos territórios de Lócris e Régio (sécs. VII-V a.C.)

*Maria Beatriz Borba Florenzano*

pág. 301

El extranjero en la ciudad: formas de integración privadas

*Ma Dolores Dopico Caínzos*

pág. 325

The notion of polis in Aristotle's *Politics*

*Patricio Tierno*

pág. 341

Paulo e as Comunidades: Debates acerca das diferenciações das Comunidades Urbanas Paulinas e Conflitos sobre a Participação Feminina

*Roberta Alexandrina da Silva*

pág. 361

La cerámica de producción bracarense como indicador de las actividades económicas, gustos y costumbres de los habitantes de *Bracara Augusta*: Nuevas aportaciones

*Sara Barbazán Domínguez, Manuela Martins, Eduardo Ramil Rego, Fernanda Magalhães*

pág. 387

Mulheres e urbs: estudos sobre sociabilidades femininas em cidades romanas entre o IV e V séculos d.C.

*Silvia M. A. Siqueira*

# **Paulo e as Comunidades: Debates acerca das diferenciações das Comunidades Urbanas Paulinas e Conflitos sobre a Participação Feminina**

**Roberta Alexandrina da Silva**

Docente da Faculdade de História da cátedra de História Antiga e Medieval pela Universidade Federal do Pará, campus Universitário de Bragança. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia e Professora associada do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano – LEIR/UFES.

[alexandrinasilva@hotmail.com](mailto:alexandrinasilva@hotmail.com)



## Resumo

O *Corpus paulinum*, as Cartas atribuídas a Paulo, representam uma preciosa fonte para a história cristã primitiva, quase exclusivamente cristã. O cristianismo emergiu do ministério de Jesus e das primeiras comunidades localizadas na área rural da Palestina, logo se propagando para outras partes como para a Síria e Egito, entretanto a sua literatura mais importante, que devia determinar o futuro desse novo movimento religioso, desenvolveu-se nas culturas urbanas do Mediterrâneo oriental, principalmente em Antioquia e nas cidades da região do mar Egeu, e em Roma. Embora essas cartas fossem elaboradas com base nos modelos judaicos e greco-romanos, sua retórica foi inspirada em situações específicas enfrentadas nas várias comunidades fundadas em várias cidades; e, como instrumento político, as cartas paulinas, exerceu um forte impacto sobre o período seguinte, de modo que o uso do meio literário da carta com objetivos de organização eclesial, se tornando popular.

O presente trabalho debaterá a partir da análise do *corpus paulinum* as diferenciações das comunidades paulinas, além de abordar como surgiram os vários cristianismos, definindo-o como cristianismos paulinos, que foram desenvolvidos nos espaços comunais nas cidades citadas nas Cartas paulinas. Em seguida, aludirei acerca dos embates e conflitos acerca da participação feminina em algumas comunidades citadinas.

**Palavras-chave:** Paulo; Comunidades; Cidades; feminino; conflitos





### **1. Algumas Considerações Introdutórias**

Uma das figuras mais idiossincráticas do movimento cristão nos seus anos iniciais foi a de Paulo de Tarso. Para o teólogo James D. G. Dunn, na obra *A Teologia do Apóstolo Paulo*, a importância de Paulo de Tarso é ímpar, sendo o primeiro e o maior teólogo cristão (Dunn, 2003: 25). A afirmação do estudioso se baseia, sendo bem fundamentada, na influência dos escritos de Paulo sobre o cristianismo mais do que o fizeram os escritos e a teologia de qualquer outro pensador cristão.

A teologia paulina foi tão significativa na formação da Igreja nos séculos posteriores que podemos perceber a sua influência em alguns momentos, tornando-se determinante na intuição, formação e transformações da consequente ortodoxia cristã. Desde a era patrística sua autoridade orientou sobre Clemente de Roma, Inácio de Antioquia e Irineu de Lyon na era patrística; na Antiguidade tardia, embasando o pensamento de Santo Agostinho propiciou que reafirma-se ou a teologia cristã que veio a dominar a maior parte da Idade Média; além disso, foram predominantemente o alcance da teologia de Paulo, por meio de releituras, que moldou a Reforma Protestante. E no período moderno alguns autores como F. C. Baur e Karl Barth atestam a mesma influência formativa.

Cada geração que refletiu sobre a teologia cristã influenciada pelos escritos paulinos desencadeou interpretações distintas. Para o historiador Bart D. Ehrman, isto ocorreu devido a figura de Paulo ser controversa, gerando extensos debates até hoje, principalmente quando são mencionados os ensinamentos alusivos aos comportamentos sexuais refletiu sobre a teologia paulina (Ehrman, 2008: 139).

Portanto, os escritos de Paulo pesam muito em qualquer debate, sobretudo, no concernente ao lugar da mulher na vida e no ministério da Igreja. Não seria exagero dizer que a literatura paulina se tornou o campo de combate do Novo Testamento, pois é onde se travam debates sobre os papéis das mulheres na Igreja (Shaw, 2004: 407).

Na discussão que se segue, estarei preocupada com o *corpus paulinum*, que foi um conjunto de escritos que procedem do Mediterrâneo Oriental no período greco-romano, durante o século I d.C.

## 2. Características das Cartas Paulinas

O *Corpus paulinum*, as cartas atribuídas a Paulo, representam uma preciosa fonte para a história cristã primitiva, quase exclusivamente cristã. O cristianismo emergiu do ministério de Jesus e das primeiras comunidades localizadas na área rural da Palestina, logo se propagando para outras partes como para a Síria e Egito, entretanto a sua literatura mais importante, que devia determinar o futuro desse novo movimento religioso, desenvolveu-se nas culturas urbanas do Mediterrâneo oriental, principalmente em Antioquia e nas cidades da região do mar Egeu, e em Roma.

De certa forma, foram ferramentas política eclesiástica que agiam como do veículo político e propagandístico de comunicação oral durante a ausência do apóstolo, promovendo a organização contínua e a manutenção das comunidades cristãs que haviam sido fundadas por Paulo. Embora essas cartas fossem elaboradas com base nos modelos judaicos e greco-romanos, sua retórica foi inspirada em situações específicas enfrentadas nas várias comunidades fundadas em várias cidades; e, como instrumento político, as cartas paulinas, exerceu um forte impacto sobre o período seguinte, de modo que o uso do meio literário da carta com objetivos de organização eclesial, se tornando popular.

Com isso, acredito que não se podem analisar as cartas paulinas como um bloco harmônico, mas temos um bloco multifacetado de discursos onde se vislumbram elementos que visam à construção de uma identidade comunal frente a outros grupos. É deveras interessante que um aspecto essencial da estratégia da missão de Paulo, por meio da qual ele estava construindo uma sociedade alternativa, era a maneira como usava as formas básicas e os termos-chave da retórica política greco-romana para persuadir suas assembleias a manter a solidariedade mútua em oposição à sociedade imperial dominante.

Os primeiros escritos cristãos são fontes problemáticas, documentos literários, para se compreender o início do cristianismo. De acordo com Hermut Koester os materiais escritos preservados neste período inicial são informações muito vagas e que nos dois períodos iniciais a *Torah*, a ‘Lei dos Profetas’ eram utilizadas como Escrituras Sagradas (KOESTER, 2005: 01-02). Posteriormente, esse conjunto de documentos foram chamados pelos cristãos de Antigo Testamento, contudo, os primeiros cristãos ao se referirem a esses textos o definiam de a ‘Escritura’.

Concomitantemente a essa 'Escritura', havia uma tradição oral compreendendo as palavras de Jesus e histórias curtas sobre ele. A partir das últimas décadas do século I e.c.<sup>1</sup>, na terceira geração de cristãos, a adoção do meio escrito se torna fundamental para a comunicação e transmissão de tradições envolvendo Jesus. Contudo, os ditos sobre Jesus não são os documentos mais antigos preservados, mas as Cartas de Paulo de Tarso, advindo da comunidade de Antioquia (Atos 11,25-26). A política criada por Paulo exerceu forte impacto sobre o período seguinte, pelo uso do meio literário da carta com objetivos de propaganda e organização da Igreja.

A composição do Novo Testamento preservou alguns dos documentos mais valiosos dos primeiros passos do cristianismo. Os textos neotestamentários compreende uma coleção de vinte e sete escritos, que em parte se diferenciam por particularidades de linguagem e de período; e a distinção é latente se considerar o conteúdo e a intenção de cada autor.

A divisão das edições do NT é orientada pelos gêneros literários de acordo com essa ordem: os quatro evangelhos, Atos dos Apóstolos, as 21 cartas e o Apocalipse. Entre os textos que temos de todo esse composto neotestamentário, são as cartas paulinas, as autênticas, as mais antigas. Elas remontam aos anos de 50 a 60; são a Primeira aos Tessalonicenses, Primeira e Segunda aos Coríntios, Romanos, Filêmon e Filipenses. A autoria das outras demais cartas de Paulo é discutida, pois aparecem no final do primeiro século ou inícios do segundo, como: Segundo aos Tessalonicenses, Colossenses, Efésios, Tito, Primeiro e Segundo Timóteo; e representam a força da influência paulina nas comunidades, denominadas de pós-paulino ou deuteropaulino. Esse segundo grupo de cartas, composta depois da morte de Paulo, foram acompanhadas de uma reinterpretação e reutilização dessas cartas: Paulo devia fazer-se ouvir no presente, isto é, na situação atual da comunidade que se fazia Igreja.

Uma coleção de dez cartas paulinas foi claramente atestada pela primeira vez no cânôn marcionita (cerca de 140). Já no final do primeiro século e início do segundo já temos alguns autores que já conhece algumas cartas paulinas: como Clemente Romano que em sua Carta aos Coríntios fez citação da Primeira Carta aos Coríntios (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Primeira Carta de Clemente aos Coríntios*, 47,1); e Inácio de Antioquia foi influenciado pelo pensamento paulino e que já se refere às Cartas aos Romanos, Primeiro Coríntios, Colossenses e Efésios (QUASTEN, 1955: 76). Contudo, a intenção das cartas paulinas fora unicamente para comunidades determinadas e em situações precisas. A preservação do material paulino indica que tinha uma função determinada de conservar a memória de Paulo, depois de sua morte na década de 60 do primeiro século, e, também, servia de orientação comunal.

---

<sup>1</sup> E.C.= era comum. Utilizo essa terminologia como forma de respeito para outras religiosidades, em vez do usual a.C. (antes de Cristo) ou d.C. (Depois de Cristo).

### 3. Paulo a Cidade e as Mulheres

Paulo foi um homem urbano, e a cidade transparece em sua linguagem. As parábolas de Jesus sobre semeadores e sementes, ceifeiros e casebres cobertos de argila exalam odor de adubo e de terra e o aramaico das aldeias palestinas. Se de um lado Paulo constrói uma metáfora usando oliveiras ou jardins, de outro lado o grego é fluente e lembra a ágora do que as regiões rurais da Palestina.

Paulo figurava entre aqueles que dependiam da cidade para a sua sobrevivência. Sustentava-se, pelo menos parcialmente, com o trabalho de suas mãos – fazendo tendas, segundo livro de Atos.

Quando Paulo retoricamente enumera os lugares onde passou por perigos, divide o mundo em cidade, deserto e mar (2 Cor 11, 26). Seu mundo não inclui a região produtiva; fora da cidade nada existe. O autor do livro de Atos dificilmente pode estar errado quando apresenta Paulo ousando dizer ao tribuno, admirado de que Paulo saiba grego, que ele é ‘cidadão de cidade não desprezível’ (At 21,39).

Se o mundo de Paulo consistia, praticamente falando, somente das cidades do Império Romano, foi somente estabelecer pequenos núcleos de cristãos em residências e famílias espalhadas por algumas cidades estrategicamente localizadas no nordeste da bacia mediterrânea. Esses lucros se mantinham ligados entre si e com Paulo e seus colaboradores por meio de cartas, visitas oficiais e pelo contato frequente com cristãos que viajavam, Paulo estimulava as pessoas do local a se comprometerem a estabelecer novos grupos nas cidades vizinhas.

Essa preocupação com as cidades não era peculiar de Paulo. Antes da conversão de Paulo, os que acreditavam no Messias Jesus haviam levado a mensagem de seu movimento às comunidades judaicas das cidades greco-romanas.

Ainda mais importante é o fato de que o movimento havia sido iniciado na comunidade judaica de Antioquia, entre os ‘helenistas’ que havia sido expulso de Jerusalém, que ultrapassaram primeiro as fronteiras do judaísmo.

### 4. Referências femininas no *corpus paulinum*

Nas cartas autênticas, Paulo mesmo menciona diversas mulheres nominalmente, como no caso de Prisca, Febe, Maria, Trifena, Trifosa, Pérsis, Junia; Julia e Herodiana; Evódia, Síntique e Áfia. Algumas podem ser identificadas como judias, como Prisca, Herodiana e Júnia. Também em 1 Cor 7,1; 11,2 e 14,33; nos permitem concluir que um número grande de mulheres pertenceu a comunidade de Corinto, visto que, Paulo decorre preceitos morais e domésticos para a comunidade, como o véu e o silêncio no culto. Nas cartas

pastorais, nominalmente foram citados nomes como Ninfas, como líder da comunidade em Laodicéia, e Cláudia, como uma das pessoas que enviam saudações em 2 Tm 4,2.

*Contudo, são em alguns documentos paulinos que temos um discurso que reforçou os limites estritos impostos às mulheres, numa argumentação atrelada submissão religiosa à familiar (ALEXANDRE, 1990: 532). Nesse sentido, os preceitos contidos nos versículos de 1 Cor. 14, 34-35<sup>2</sup> e nos preceitos de 1 Tm 2,11-14<sup>3</sup> afirmam comportamentos perpetrados dentro das comunidades.*

*Entretanto, quando defendi na minha tese, A Ambiguidade da Ordenação Feminina: Mulher e Subjetividades nas Comunidades Paulinas nos dois primeiros séculos - em 2010 -, o pressuposto de que temos outros discursos de Paulo, principalmente nas Cartas autênticas, permitiam às mulheres desempenharem papéis significativos nas igrejas. Em sua Carta aos Romanos, faz uma lista de mulheres que ocupam altos cargos, incluindo Febe, uma diaconisa; Prisca promoveu a missão aos gentios e sustentava uma congregação em sua casa; no caso de Júnias, Paulo diz que 'o precedeu na fé em Cristo' (Rm, 16, 3-4,7). Compartilhando a aceção dos arqueólogos John Dominic Crossan e de Jonathan L. Reed, na obra Em Busca de Paulo, os escritos inautênticos, os pós-paulinos ou deuteropaulinos, se movem em direção oposta, indicando que o propósito era de mostrar que as famílias cristãs nada tinham de subversivo, comparando com a romana (Crossan; Reed, 2007: 114-116).*

A iniciativa de 'pôr na boca' de Paulo, na forma de carta, diretrizes posteriores foi possível unicamente, graças, a uma apurada consciência de vitalidade e da continuidade da tradição; e, sob este ponto de vista, portanto, era legítima. Assim sendo, as Cartas pastorais representariam uma forma de interpretação paulina, própria da época, onde autores se utilizaram da figura do 'apóstolo dos gentios' numa situação posterior distinta do contexto histórico dele.

Destarte, em relação ao tema é fundamental como essas Cartas Pastorais refletem relações de gênero dentro das comunidades paulinas em contexto posterior. Para Raymond E. Brown, Primeira e Segunda Carta a Timóteo e a Tito, foram definidas como as pastorais porque estão, obviamente, preocupadas em como cuidar e conduzir o 'rebanho', mais do que com a expansão missionária (Brown, 1984: 31).

A submissão à assembleia e à família é enfatizada como qualidade a ser seguida pelos membros da comunidade, em especial pela mulher. São várias as advertências, ordenando-lhes que aprendam em silêncio, com toda a submissão (2 Tm 2,11-15); ou fiquem quietas

<sup>2</sup> 'Estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias.'

<sup>3</sup> 'Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão'

nas assembleias (1 Cor 14,34); usem o véu (1 Cor 11,2-16); e ainda reforçando sua submissão (Col 3,18; Ef 5,22; Tt 2,3; 1 Pd 3,1-5). Com suas exigências de obediência e submissão feitas às esposas, aos filhos e aos escravos temos que compreender que foram elaborações cristãs posteriores advindos do código filosófico-teológico greco-romano ou judeu-helenístico (Fiorenza, 2004: 233).

*Dentro das congregações cristãs, principalmente atrelada ao poder do pastorado, do bispo, se inicia uma delimitação de espaços e a hierarquização passa por todo um processo de divisão sexual. Em suma, a ascensão da figura do bispo está atrelada à segregação sexual; e, isto se estabelece a partir de toda uma seleção, cisão, recorte e escolha de discursos que surgem para definir relações de poder.*

### 5. As Cartas Pastorais e a sexualização

As Cartas Pastorais foram escritas pseudônimos, que ressaltam a vitalidade da tradição apostólica paulina, sendo compostas em torno do final do primeiro século e inícios do segundo. A diferenciação básica entre as Cartas autênticas e as pastorais consiste, que a primeira tenta impor a sua autoridade exortando em vários momentos o apostolado paulino frente a adversários, enquanto que a segunda o apóstolo se torna a autoridade absoluta e exclusiva da pregação e da organização eclesial e divisão sexual. Para J. Shreiner e G. Dautzenberg, Paulo é o “apóstolo da ortodoxia, o ordenador e organizador da Igreja e a imagem ministerial” (Dautzenberg; Schreiner, 1977:52).

Para Wayne Meeks devemos nos remeter a Aristóteles para compreender os elementos da estruturação comunal cristã nos séculos iniciais (Meeks, 1992: 25). Os moralistas da fase inicial do Império buscaram formular uma ética que equilibrasse as exigências tradicionais de subordinação e obediência ao *pater familias* e os ideais de igualdade formulados na época helenística (Meeks, 1992: 26).

Margaret Y. MacDonald ressalta que uma das principais prioridades das Cartas Pastorais paulinas está no debate que envolve o comportamento do feminino perante a comunidade.<sup>4</sup> Em geral, esses documentos pós-paulino nos oferecem um material interessante de debates sobre como alguns escritores dos textos neotestamentários leram e debateram valores culturais da sociedade greco-romana. Ou seja, como questões sobre honra e vergonha foram refletidas nos discursos que impunham unidade e hierarquia comunal; e, também refletir estereótipos sobre características estritamente femininas, tais como tendência à fofoca (1 Tm 5,13) ou inclinação para serem facilmente enganadas (2 Tm 3,6).

<sup>4</sup> MACDONALD, M. Y., 'Reading Real Women Through the Undisputed Letters of Paul.' In: KRAEMER, R. S. & D'ANGELO, M. R., *Women & Christian Origins*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1999, pp. 199-220.

Com base nisso, na Primeira Carta a Timóteo 2,8-15 contém, provavelmente, um dos mais bem conhecidos textos sobre restrições do comportamento feminino. Neste texto, temos a proibição de mulheres ensinarem e pregarem em público, sendo reforçadas qualidades femininas ‘ideais’ como modéstia e virtude. Em relação às qualidades femininas temos a seguinte admoestação:

Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém as mulheres que se professam piedosas.

Todo o tópico acima envolvendo as vestes femininas é usado metaforicamente para ressaltar as virtudes com as quais as mulheres devem ser vestidas, quando a comunidade se reúne em oração. Nas assembleias, *ekklesiai*, cristãs, as virtudes da modéstia e da pureza ocupam o lugar do penteado trabalhado.

A segunda parte da instrução (vv. 11-15) vai de encontro com o ponto acima, em impor silêncio às mulheres nas assembleias. A advertência não está em nenhum tipo e conversa, mas na presunção de ensino, algo além da simples oração.

Elisabeth S. Fiorenza argumenta que é simplesmente uma admoestação ao comportamento tranquilo, entretanto, é explícito o contraste com a proibição do ensino público, indicando que o silêncio concreto e não simplesmente a tranquilidade é o que se ordena (Fiorenza, 1992: 329).

Outro ponto importante se centra na obediência e sujeição à autoridade de um homem, onde o autor dessa Carta Pastoral justifica através da imagem mítica de Adão e Eva, ressaltando-nos vv. 13-14: “Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher, que seduzida, caiu em transgressão”. Embora, como analisado a Primeira Carta aos Coríntios 11,2-11, temos uma alusão ao Gênesis, em nenhum lugar encontramos justificativa para a inferioridade feminina, como em 1 Tm 2,13-15. Atrás dessa inferência ao Gênesis temos dois pontos possíveis com o que o autor poderia ter se preocupado: primeiro, o ensino feminino implicaria em minar a autoridade do homem (v.12), pois como na narrativa bíblica, Adão foi feito primeiro e em seguida a mulher; segundo na descrição da Queda, Eva se utilizou de um engodo para a transgressão (Gn 3) e implantar o pecado, tomando como indicativo de que a mulher não é confiável. Em suma, duas explicações que desqualificariam o ensino feminino nas assembleias.

Em seguida, na Carta Pastoral, temos o reforço da maternidade, como único requisito para a salvação, v.15: “Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade”. Outra questão é que esta carta estava de acordo



com os preceitos envolvendo o casamento e a ordem familiar. As Leis de Augusto sobre casamento exigiam que viúvas e solteiras se casassem num prazo de três anos e que somente não poderiam se casar mulheres acima dos cinquenta anos (Puccini-Delbey, 2007: 35). Portanto, o trecho 1 Tm 5,9-13 reforça essa questão:

Uma mulher só será inscrita no grupo das viúvas com não menos de sessenta anos, se tiver sido esposa de um só marido, se tiver em seu favor o testemunho de seu marido, se tiver em seu favor o testemunho de suas obras, criando filhos, sido hospitaleira, lavado os pés dos santos, socorrido os atribulados, aplicada a toda boa obra... Desejo, pois, que as jovens viúvas se casem, criem filhos, dirijam a sua casa e não deem aos adversários nenhuma ocasião de maledicência. Porque já existem algumas que desviaram, seguindo Satanás. Se um fiel tem viúvas em sua família, socorra-as, não se onere a Igreja, a fim de que ela possa ajudar aquelas verdadeiramente viúvas.

352 Temos acima uma descrição do papel doméstico propalado pela política Imperial Romana no período, além de que reafirmava os códigos familiares. Compreendo que o motivo maior seria a 'reputação' da comunidade perante os outros de fora, ou seja, são prescrições que visavam uma propaganda para mostrar que as assembleias cristãs coadunavam com o *ethos* vigente. Ainda debatendo o trecho anterior, 1 Tm 5,9-10, temos por parte do autor prescrições que visam frear as viúvas nas comunidades. Primeiramente, reprimir certos abusos de viúvas, já que tinham aquelas que eram necessitadas e, as merecedoras; como conter algumas que estavam provocando desconfortos como o v. 13 nos informa: "Desejo, pois, que as jovens viúvas se casem, criem filhos, dirijam a sua casa e não deem aos adversários nenhuma ocasião de maledicência". Outro ponto, no trecho consiste que muitas dessas viúvas eram jovens, por isso, a exortação ao casamento.

Portanto, reforço a minha assertiva anterior de que todas as prescrições acima feitas nos trechos 1 Tm 2,8-15 e 5,9-13, a comunidade deve ser exemplo irreprovável das virtudes domésticas que esse mundo tem na mais alta estima.

No entanto, exponho uma inquietação: Contra quem esse autor estaria direcionando essas prescrições?

## 6. As Cartas Pastorais e o Gnosticismo de Paulo

Para Barth Ehrman, as epístolas pastorais giram em torno dos falsos mestres que invadiram as comunidades à quais se dirigem, como consta em 1 Tm 3,1-11 (Ehrman, 2008: 238).



O autor, ainda afaia que fica difícil definir exatamente o que esses propaladores da falsa ciência ensinavam, mas é interessante notar a afirmação de 1 Tm 6, 20: “Timóteo, guarda o depósito, evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns professando-a, se desviaram da fé”.

A palavra grega para designar ciência ou conhecimento é *gnosis*. *A gnosis era ‘o conhecimento’ e era adquirido independente do sexo, por isso que tivemos nos movimentos gnósticos uma grande participação de mulheres que desempenharam funções de liderança, como autoridades dentro dessas comunidades cristãs*. Barth Erhman, em outra obra intitulada *The Lost Gospels*, define o gnosticismo como um fenômeno complexo com numerosas manifestações, não sendo um movimento uníssono (Ehrman, 2008: 175).

Antes de adentrar em alguns pormenores acerca do gnosticismo, se torna pertinente compreender qual seria o primeiro direcionamento e para quem as Pastorais tem a intenção de responder.

Denis R. MacDonald defende a tese de que não somente os trechos de 1 Tm 2,8-15 e 5,9-13, mas em geral as Cartas Pastorais estão combatendo outro tipo de paulinismo que se remete à Gl 3,28, muito comum na Ásia Menor, a história de Tecla (MacDonald, 1996: 50-65). O autor considera que o relacionamento entre as Cartas Pastorais e os Atos de Paulo e Tecla – documentos que provavelmente são originários do segundo século na Ásia Menor -, se centrou na questão do falso ensino que envolve injunções contra o casamento (1 Tm 4,3), a descrição dos falsos mestres com a intenção de captar mulheres (2 Tm 3,6) e o aviso contra fábulas de (velhas) (1 Tm 4,7). Ele sugere que as Cartas Pastorais foram, no momento, escritas em resposta a um tipo de ensinamento encontrado nos Atos de Paulo e Tecla.

Os Atos de Paulo e Tecla nos mostram a história de uma jovem virgem que renuncia à família e a um casamento vantajoso, iniciando um processo de evangelização e convertendo Trifena e um grupo de mulheres: “Ela foi à casa de Trifena e esteve lá durante oito dias instruindo-a na Palavra de Deus, de tal forma que a maioria das suas servas acreditou” (ATOS DE PAULO E TECLA *apud* Pagels, 2006: 85). Para Elaine Pagels, os Atos de Paulo e Tecla sintetizam uma visão radical de Evangelho, por Tecla ter quebrado o vínculo com a família e refutado um casamento, declarando a si mesma um membro da “família de Deus” e exercendo o papel de “apóstola” (Pagels, 2006: 86).

Paulo e suas assembleias podem ter sido mais abertos a mulheres e seus papéis de liderança do que as pessoas tradicionalmente pensam. Não seria algo inusitado que membros de certas assembleias contassem histórias de companheiras de Paulo como Tecla. E não é surpreendente que homens nestas assembleias decidissem suprimir essa informação, falsificando documentos em nome de Paulo, condenando a prática de mulheres de falarem

a igreja, como consta na Primeira Carta a Timóteo. De acordo com Barth Ehrman, o Paulo dos Atos de Paulo e Tecla, que aconselha as mulheres a não se casarem, não gerarem filhos e deixarem suas famílias, estavam causando certo desconforto e problemas (Ehrman, 2008a: 69).

Para Gilvan Ventura da Silva, o desconforto que algumas lideranças comunais assumiram em relação à atuação de mulheres irrompeu com maior intensidade no século II, em virtude, segundo o autor, a posição assumida pelas mulheres em alguns círculos gnósticos (Silva, 2006: 308). O bispo Irineu de Lyon observa que especialmente as mulheres são atraídas pelos grupos dos heréticos gnósticos. Ele fala o seguinte sobre isso:

Outro, entre eles, que se gaba de corrigir o mestre, chamado Marcos, espartíssimo na arte mágica com a qual seduzia muitos homens e não poucas mulheres, atraindo-os a si como aos gnósticos e perfeito por excelência, e como detentor da Potência suprema provinda de lugares invisíveis e indescritíveis, é como que o verdadeiro precursor do Anticristo. Com este modo de agir e falar seduziu muitas mulheres também na nossa região do Ródano e elas ficaram marcadas na consciência de tal forma que algumas fizeram penitência pública outras, que não tinham coragem para isso, retirou-se na solidão, desesperando da vida de Deus. Enquanto umas se afastaram completamente, outras hesitaram e provaram o que diz o provérbio, não estando nem dentro nem fora, e ficaram com o fruto da semente dos filhos da gnose (IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, I:13,1,7)

Para Irineu, as palavras do grupo herético de Marcos têm especial êxito entre as mulheres por permitirem que estas “profetizem”, ao passo que, na Igreja ortodoxa, isso lhes era proibido. Marcos, segundo Irineu de Lyon, atraiu ‘muitas mulheres tolas’ de sua própria congregação, inclusive a esposa de um diácono de Irineu (I: 13,3).

A perplexidade de Irineu de Lyon, segundo este, está no fato de que Marcos corrompia, enganava e vitimizava essas mulheres. Logo, quando a iniciava, Marcos concluía uma oração de iniciação com as palavras:

Ele dá a entender que teria um demônio como assistente que o faz profetizar, a ele e a todas aquelas mulheres que julgar dignas de participar da sua Graça. Dedicar-se de modo especial às mulheres, e, entre elas, especialmente às mais nobres, intelectuais e ricas, cujas vestes púrpuras, que lisonjeia, procurando atraí-la com estas palavras: quero que participes da minha graça. Porque o Pai de todos vê sempre o teu Anjo diante dele [...].

Dá lugar na tua cama nupcial à semente da Luz. Recebe de mim o Esposo, dá-lhe lugar em ti, toma-o e sejas tomada por ele. Eis que a Graça desce em ti: abre a boca e profetiza. A mulher responde: Eu nunca profetizei, nem sei profetizar. Então ele repete algumas invocações que arrebatam a infeliz seduzida e diz: Abre a boca e dize qualquer coisa e profetizarás (IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, I: 13,6).

Barth Ehrman adverte que os autores das Pastorais, escrevendo em nome de Paulo, estavam atacando uma forma nascente de cristianismo gnóstico, sendo que os gnósticos não viam a Paulo como um inimigo (Ehrman, 2008a: 240). Elaine Pagels afirma que os cristãos gnósticos reverenciavam Paulo e usavam seus textos para sustentar seus pontos de vista (Ehrman, 2008a: 240).

Alguns cristãos gnósticos diziam que Paulo também era gnóstico e davam interpretações de seus textos que revelavam seu ‘verdadeiro significado’ (Ehrman, 2008b: 140). Um dos mais notáveis gnósticos cristãos de meados do século II, que morou e foi mestre em Roma, fora Valentino. Valentino tinha sido discípulo de um homem chamado Teudas, que supostamente tinha sido companheiro de viagem próximo à Paulo. Os seguidores de Valentino alegavam que a doutrina que defendiam tinha sido passada diretamente a ele pelo próprio Paulo, oralmente (Clemente de Alexandria, *Stromates*, 17).

Para Elaine Pagels, entre os valentinianos, e outros grupos gnósticos, exerciam uma considerável atração para as mulheres, pois estas eram reverenciadas como profetas e tinham *status* igualitário com os homens. Agiam como professora, evangelistas viajantes, curandeiras, sacerdotisas e até mesmo tinham autoridade episcopal (Pagels, 2006: 66). Ao menos três círculos hereges que mantinham uma imagem masculina de Deus incluíam mulheres que assumiam posições de liderança: as marcionistas, os montanistas e os carpocracianos (Pagels, 2006: 67).

Para Wayne Meeks, a iniciação ao cristianismo, em seus primórdios, quem presidia o ritual anunciava que em “Cristo ... não há homens e mulheres”, sendo uma clara referência ao *locus* clássico de uma tradição pré-paulina, no trecho da Carta aos Gálatas 3,28 (Meeks, 1973: 165-2008). Paulo cita essas palavras e endossa a atividade de mulheres que reconhece como diáconos e companheiras de trabalho; até cumprimenta uma delas, aparentemente um apóstolo ilustre, em posição mais elevada que a dele no movimento, como o caso de Júnia: “Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo” (Rm 16, 7).

## **7. Considerações Finais**

Em suma, sinalizo que essas comunidades, moldadas dentro do Império Romano e no seu espaço urbano, tem como discurso e proposta de legitimar sua autoridade e responder a membros comunais questões de cunho interno. E, neste sentido, temos conflitos entre membros e representantes nas comunidades descritas e fundadas por Paulo nas suas Cartas. Um desses embates, consiste acerca da participação feminina dentro de algumas comunidades, como em Corinto e na Galácia. Portanto, o presente trabalho visou debater a partir da análise do corpus paulinum as diferenciações nestas comunidades, além de abordar como surgiram os vários cristianismos, como defino de cristianismos paulinos, que foram desenvolvidos nos espaços comunais nas cidades citadas nas Cartas paulinas.

## Bibliografia geral

### Documentos Antigos

*A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1994.

*Apócrifos e Pseudoepígrafes da Bíblia*. Organização de Eduardo de Proença. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

BACARAT JR., José Carlos (2006). *Plotino, Enéadas, I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino*. Tese apresentada ao Curso de Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem, sob a orientação do Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira. Campinas/SP: UNICAMP.

CLEMENT D'ALEXANDRIE (2006). *Les Stomates*. Introduction, texte critique, et index par Alain Le Boulluec; traduction par Pierre Voulet. Paris: CERF, 2006.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas dos Mosteiro e Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

*Evangelhos Apócrifos*. Tradução dos textos em copta para o italiano por Luigi Moraldi. Tradução de Benôni Lemos e Patrizia Collina Batianetto. São Paulo: Paulus, 1999.

IRINEU DE LYON (1995). *Contra as Heresias: Denúncia e Refutação da Falsa Gnose*. 2ª Edição. Coleção Patrística nº 4. Introdução, Notas e Comentários de Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas de Roque Frangiotti. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus.

### Bibliografia

ALEXANDRINA SILVA, Roberta (2010) *A Ambiguidade da Ordenação Feminina: Mulher e Subjetividades nas Comunidades Paulinas nos Dois Primeiros Séculos*. Tese defendida em 2010 sob a orientação do Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese. Campinas/SP: [s.n], 323p.

BROWN, R. E. (1984) *The Churches the Apostles Left Behind*. New York: Paulist.

DAUTZENBERG, G.; SCHREINER, J., (1977), *Forma e Exigências no Novo Testamento*. Tradução de Benoni Lemos. São Paulo: Paulinas.

DELOBEL, J., (1986) "1 Cor 11,2-16: Towards a Coherent Interpretation". In: A. VANHOYLE (org), *L'Apôtre Paul* (BETL 73), Lovain: University Press.

DUNN, J. D.G. (2003), *A Teologia do Apóstolo Paulo*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus.

EHRMAN, B. D. (2008 a) *Pedro, Paulo e Maria Madalena: A Verdade e a Lenda sobre os Seguidores de Jesus*. Tradução de Celina Falck-Cook. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record.

EHRMAN, B. D. (2008 b) *Os Evangelhos Perdidos: As Batalhas pela Escritura e os Cristianismos que não chegamos a conhecer*. Tradução de Eliziane Andrade Paiva; revisão técnica de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Editora Record.

FIORENZA, E. S. (1978), "Women in the Pre-Pauline and Pauline Churches", *USQR* 33 153-166.

FIORENZA, E. S. (1992) *Em Memória Dela: As Origens Cristãs A Partir da Mulher*. Tradução de João Rezende. São Paulo: Editora Paulus.

FIORENZA, E. S. (2004), A práxis do Discipulado Co-Igual. In.: HOSRLEY, R. A. *Paulo e o Império: Religião e Poder na Sociedade Imperial Romana*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus.

MACDONALD, D. R. (1996), *Early Christian Women and Pagan Opinion: The Power of the Hysterical Woman*. New York: Cambridge University Press.

MACDONALD, D.R. (1986), *There is no Male and Female*. (HDR 20), Philadelphia: Fortress.

MACMULLEN, R. (1984) *Christianizing the Roman Empire: A.D. 100-400*. New Haven; London: Yale University Press.

MEEKS, W. A. (1974) "The Image of the Androgyne", *HR* 13, p. 165-208.

MEEKS, W. A. (1992) *Os Primeiros Cristãos Urbanos: O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. Coleção Bíblia e Sociologia. Tradução de I. F. L. Ferreira. São Paulo: Editora Paulus.

PAGELS, E. (2006) *Os Evangelhos Gnósticos*. Tradução de Marisa Motta. Rio de Janeiro: Editora Record.

PAGELS, E. H. (2004) *Além de Toda Crença: O Evangelho Desconhecido de Tomé*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. Rio de Janeiro: Objetiva.

PUCCINI-DERBEY, G. (2010) *A Vida Sexual na Roma Antiga*. Tradução de Albuquerque Marques. Lisboa: Edições Texto & Grafia.

SHAW, T. M. (2004), Sex and Sexual Renunciation. In: ESLER, P. F.(edited by), *The Early Christian World*. Vol. 1. London and New York: Routledge.

SILVA, G. V. (2006) A Redefinição do Papel Feminino na Igreja Primitiva: Virgens, viúvas, diaconisas e monjas. In: SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (org.) *As Identidades no Tempo: Ensaio de Gênero, Etnia e Religião*. Vitória/ES: EDUFES/PPGHIS.

SILVA, G. V. (2010) As relações entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano: uma nova interpretação a partir do paradigma culturalista. *História da historiografia*. Ouro Preto, n.05. Setembro.